



Mário Sérgio de Melo
Rosemeri Segecin Moro
Gilson Burigo Guimarães

Os Campos Gerais foram originalmente definidos como uma região fitogeográfica (isto é, caracterizada pela sua vegetação natural), compreendendo os campos limpos e campos cerrados naturais situados na borda do Segundo Planalto Paranaense (Maack 1948, Figura 1.1). Esses campos constituem vegetação reliquiária, isto é, remanescente de épocas mais secas do Quaternário (últimos 1,8 milhões de anos da história da Terra), preservada pela sua baixa aptidão agrícola, decorrente de solos pobres, rasos e arenosos, e, principal-

mente, pelo isolamento imposto pela barreira geomorfológica representada pela Escarpa Devoniana. Com o melhoramento climático (aumento da temperatura e da umidade) nos últimos milhares de anos, após a última glaciação quaternária (cujo máximo ocorreu há cerca de 10.000 anos atrás), a tendência natural é os campos darem lugar a florestas com araucária, floresta estacional e florestas de transição entre esses dois tipos.

Sobressaem no relevo regional a Escarpa Devoniana, o *Canyon* do Guartelá e outros sítios

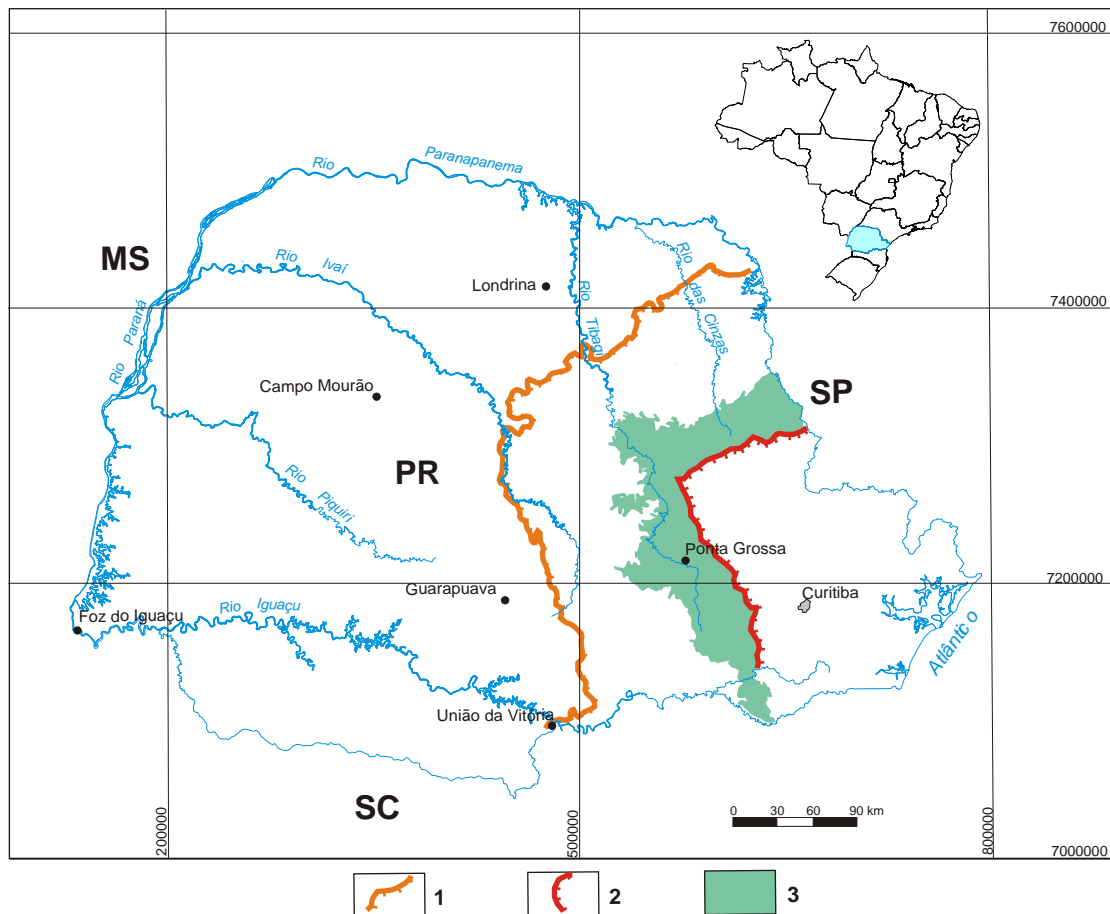


Figura 1.1: Localização dos Campos Gerais do Paraná. 1: Serra Geral; 2: Escarpa Devoniana; 3: extensão dos Campos Gerais de acordo com os critérios naturais adotados neste trabalho.

singulares, com arroios em leito rochoso, cachoeiras, matas-ciliares e capões, furnas, relevos ruiformes, gargantas e despenhadeiros, que há muito vêm impressionando os viajantes pela sua beleza. Alguns dos sítios naturais são objeto de unidades de conservação já implementadas (Parques Estaduais de Vila Velha em Ponta Grossa, do Guartelá em Tibagi, do Cerrado em Jaguariaíva, entre outros) ou em implementação (Área de Proteção Ambiental da Escarpa Devoniana, Parque Nacional dos Campos Gerais, Reserva Biológica das Araucárias). Nelas é possível encontrar remanescentes de rica flora endêmica e de espécies animais ameaçadas de extinção (suçuarana, lobo-guará, jaguatirica, gralha-azul, harpia ou gavião-real, gavião-caracoleiro, tamanduá-bandeira, entre outras).

A presença do imenso obstáculo natural representado pela Escarpa Devoniana, onde os vales encaixados dos rios que correm para oeste constituem passos naturais, e a ocorrência de rochas favoráveis para o surgimento de tetos na forma de abrigos naturais (lapas), determinaram que os Campos Gerais apresentem um grande número de sítios arqueológicos. Esses sítios contêm principalmente pinturas rupestres, mas também gravuras, artefatos líticos e cerâmicos, vestígios de populações indígenas pré-históricas que atravessavam a região, em ramificações do antigo caminho de Peabiru, que fazia o percurso entre a costa atlântica e a região andina, no centro do continente sul-americano. Além disso, rica em pastos naturais, já no início do século XVIII a região foi rota do tropeirismo do sul do Brasil, contando também com significativo patrimônio histórico.

Vários dos sítios naturais dos Campos Gerais do Paraná têm sido utilizados para o lazer, ecoturismo, atividades do ensino fundamental, médio e superior, e ainda para a pesquisa. Algumas atrações naturais da região são conhecidas praticamente em todo o mundo. Ela se destaca como destino de visita de escolas superiores de Geografia, Geologia, Biologia e áreas correlatas de todo o Brasil e de outros países, que nela encontram coexistência de ecossistemas diferentes (campos, floresta com araucária, floresta estacional, refúgios de cerrado), relevos de exceção (Vila Velha, furnas, Escarpa Devoniana) e excelentes exposições de unidades sedimentares paleozóicas da Bacia do Paraná (formações Iapó, Furnas, Ponta Grossa e unidades do Grupo Itararé), com jazigos

fossilíferos únicos e estratotipos (seções-tipo de rocha utilizadas como referência na literatura específica) consagrados.

Visando aproveitar o potencial regional, o Governo do Estado do Paraná, através do IAP (Instituto Ambiental do Paraná), que administra as unidades de conservação da região, e as prefeituras municipais, isoladamente ou através de suas associações, estão empenhados em aumentar significativamente o número de turistas que visitam a região.

Por outro lado, algumas atividades econômicas estão em franca expansão nos Campos Gerais (florestamento com exóticas e sua industrialização, pecuária de aves e suínos, agricultura intensiva), ameaçando a preservação dos sítios naturais.

Entretanto, a utilização do patrimônio natural não é organizada. Ele é ainda pouco estudado e conhecido, não existe documentação adequada, os visitantes dispõem de orientação insuficiente, não existe planejamento nem avaliação do impacto da maioria das atividades desenvolvidas. A gestão do patrimônio natural dos Campos Gerais do Paraná ainda está baseada em esforços isolados, sem uma integração a partir do reconhecimento das diferentes categorias e relacionamento dos sítios e do patrimônio que encerram. Este quadro reforça a necessidade de adequado conhecimento das singularidades regionais e planos de manejo dentro de uma concepção de gestão sustentável, de acordo com métodos e técnicas ambiental e socialmente corretos. Este livro, que resulta de estudos com resultados em parte já apresentados em UEPG (2003), procura subsidiar este necessário esforço de aprofundamento do conhecimento regional.

Delimitação da região dos Campos Gerais do Paraná

A região denominada Campos Gerais do Paraná não tem uma definição única e permanente, visto que esta tem sido modificada, atendendo a necessidades e conveniências de uma identificação regional dentro de um estado com marcante dinâmica territorial nas últimas décadas.

A identidade histórica e cultural da região dos Campos Gerais remonta ao século XVIII, quando, graças aos ricos pastos naturais, abundância de invernações com boa água e relevo suave, foi rota do tropeirismo do sul do Brasil, com o deslocamento de tropas de muare e, posteriormente, gado de abate, provenientes do Rio Grande do Sul

com destino aos mercados de São Paulo e Minas Gerais. Nessa época, os campos naturais da região tornaram-se muito disputados, e a coroa portuguesa começou a expedir cartas de sesmarias em favor de homens a ela fiéis e de prestígio político local. O ciclo do tropeirismo, que se estendeu até o início do século XX, ainda hoje tem grande influência na cultura e costumes da população dos Campos Gerais do Paraná.

Mais recentemente, outras definições têm sido adotadas para os Campos Gerais, atendendo a objetivos e interesses diversos, resultando em delimitações também diferentes. Para a Associação dos Municípios dos Campos Gerais - AMCG, prevaleceram critérios econômicos e políticos. Para a UEPG, têm preponderado critérios de identidade histórica e geográfica, além da área de influência da Universidade. Para os consórcios de gestão ambiental, como por exemplo o COPATI (Consórcio Intermunicipal para Proteção Ambiental da Bacia do Rio Tibagi), ligado ao SEGHR (Sistema Estadual de Gerenciamento de Recursos Hídricos), a área da bacia hidrográfica do Rio Tibagi tem sido utilizada como fator de definição da extensão dos Campos Gerais.

Para o desenvolvimento deste trabalho, adotaram-se critérios naturais para a delimitação da área de estudo. Maack (1948 e 2002) definiu os Campos Gerais do Paraná como uma zona fitogeográfica natural, com campos limpos e matas galerias ou capões isolados de Floresta Ombrófila Mista, situada sobre o Segundo Planalto Paranaense, no reverso da Escarpa Devoniana, a qual o separa do Primeiro Planalto, situado a leste. Portanto, trata-se de uma definição que integra critérios fitogeográficos e geomorfológicos, que por sua vez exprimem a estrutura geológica e natureza das rochas, responsáveis pelos solos rasos e arenosos, pouco férteis, que favorecem a vegetação de campos, e o aparecimento do limite natural representado pela Escarpa Devoniana, um degrau topográfico que em vários locais ultrapassa 300 metros de desnível.

A definição original de Maack (1948), calcada em critérios naturais, é a adotada neste trabalho, ainda que ela seja contestável a partir de pontos de vista diversos. Na concepção de Maack, por exemplo, a cidade de Castro não se encontraria dentro dos Campos Gerais, pois se situa no Primeiro Planalto Paranaense. Entretanto, cultural e historicamente Castro está intimamente ligada aos Campos Gerais. Os fazendeiros pioneiros,

homens notáveis outorgados sesmeiros pela coroa portuguesa, exploravam os pastos naturais situados no Segundo Planalto, mas tinham as sedes de suas fazendas em Castro, núcleo urbano mais antigo e então mais próspero da região.

De acordo com os critérios naturais aqui adotados, os Campos Gerais situam-se na porção centro-leste do Estado do Paraná (Figura 1.1), abrangendo porções das mesorregiões Centro Oriental e Sudeste Paranaense. Os Campos Gerais distribuem-se como uma faixa de território curva com convexidade para noroeste, com 11.761,41 km² de extensão, situada entre as coordenadas 23°45' e 26°15' de latitude sul e 49°15' e 50°45' de longitude oeste. Abrange pelo menos parte de 22 (vinte e dois) municípios, a saber (de sul para norte): Rio Negro, Campo do Tenente, Lapa, Porto Amazonas, Balsa Nova, Palmeira, Campo Largo, Ponta Grossa, Teixeira Soares, Imbituva, Ipiranga, Tibagi, Carambeí, Castro, Imbaú, Telêmaco Borba, Ventania, Piraf do Sul, Jaguariaíva, Sengés, Arapoti e São José da Boa Vista (Figura 1.2).

O mapeamento dos limites dos Campos Gerais de acordo com esta definição baseou-se numa combinação de procedimentos cartográficos, utilizando-se limites obtidos conforme segue:

- a) Limites da zona fitogeográfica dos campos no Mapa Fitogeográfico do Estado do Paraná de Maack (1950); este limite foi adotado quase integralmente sobretudo na parte oeste dos Campos Gerais, onde a vegetação hoje está muito alterada, não permitindo reconhecer os limites originais entre os ecossistemas; pequenas alterações foram adotadas nos limites dos Campos Gerais nos municípios de Imbituva e Tibagi, onde áreas isoladas de campos foram incorporadas para obtenção de uma área contínua;
- b) Traçado da Escarpa Devoniana obtida a partir da interpretação de imagens digitais de satélite LANDSAT 7, sensor ETM+, do ano de 2000; foi mantido o mesmo limite conceitual de Maack (1950), porém com seu posicionamento geográfico corrigido com documentos cartográficos atuais (cartas topográficas, imagens de satélite) utilizando-se técnicas de geoprocessamento;
- c) Onde os dois procedimentos acima não se mostraram satisfatórios (limite sudeste da área), em razão da generalização encontrada no traçado do limite no mapa original, quando

confrontado com a documentação cartográfica mais recente, foi realizada fotointerpretação de fotografias aéreas em escala 1:70.000 do DGTC (1962/1963), combinando-se os critérios de presença de desníveis topográficos (menos acentuados que a Escarpa Devoniana) e transições entre ecossistemas.

Os limites assim adotados foram conside-

rados funcionais durante o desenvolvimento dos trabalhos. Entretanto, as verificações de campo realizadas mostraram que às vezes no terreno tais limites são pouco perceptíveis, principalmente na parte oeste dos Campos Gerais. Nestes casos, dependendo do tipo de levantamento realizado e de dados utilizados, poderá emergir a conveniência de adaptar os limites ora definidos.

Referências Bibliográficas

DGTC - Departamento de Geografia, Terras e Colonização do Estado do Paraná. 1962/1963. Levantamento aerofotogramétrico 1:70.000 do Estado do Paraná. Curitiba: DGTC (órgão incorporado pela atual Secretaria de Estado do Meio Ambiente - SEMA).

MAACK R. 1948. Notas preliminares sobre clima, solos e vegetação do Estado do Paraná. Curitiba: Arquivos de Biologia e Tecnologia, 2:102-200.

MAACK R. Mapa fitogeográfico do Estado do Paraná. Curitiba: Inst. Biol. Pesq. Tecnol. e Inst. Nac. Pinho, 1950.

MAACK R. 2002. Geografia Física do Estado do Paraná. Curitiba: Imprensa Oficial, 440 p.

UEPG - Universidade Estadual de Ponta Grossa. 2003. Caracterização do Patrimônio Natural dos Campos Gerais do Paraná. Ponta Grossa: UEPG: Relatório de Pesquisa, 239p. Disponível em: <http://www.uepg.br/natural>

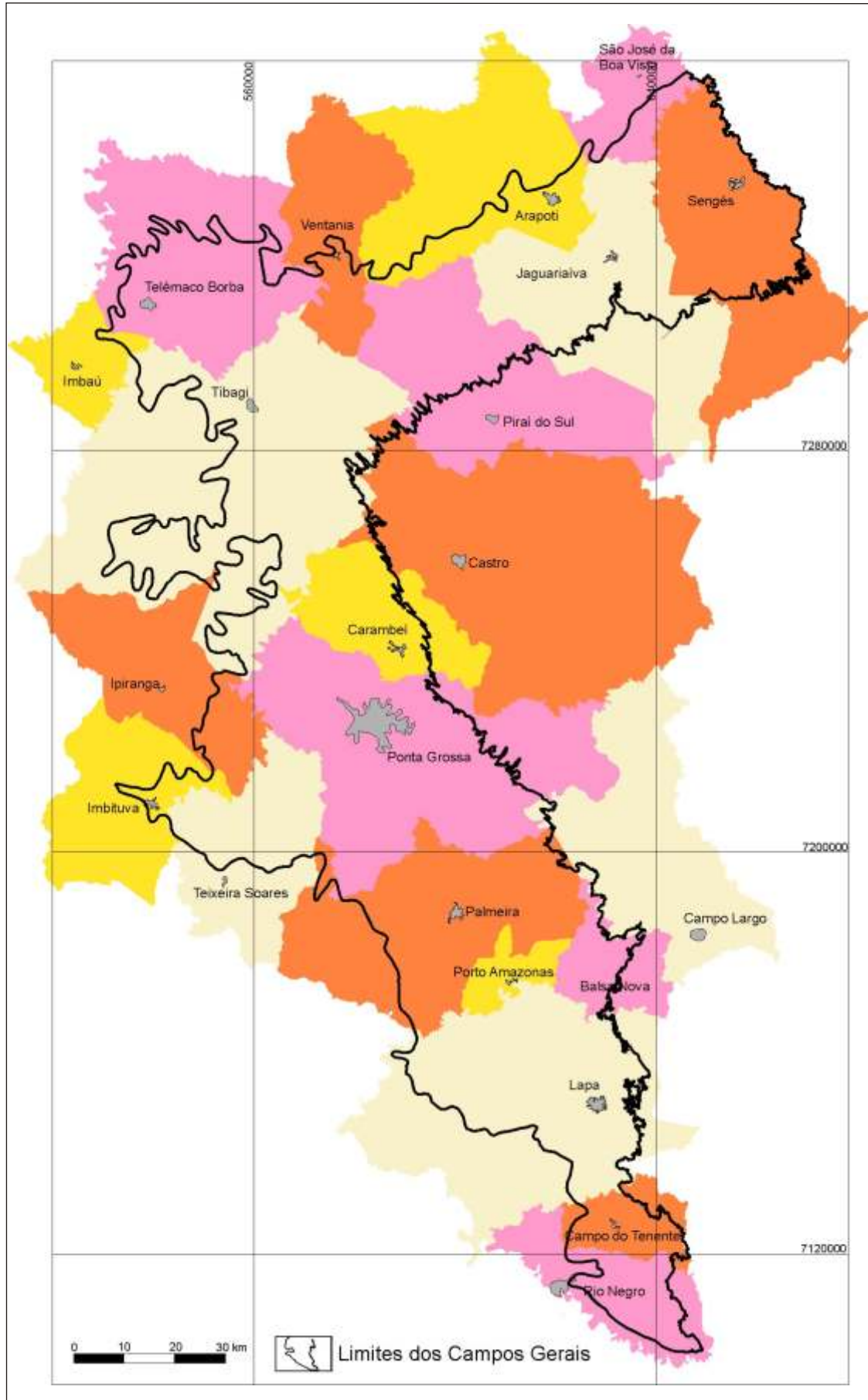


Figura 1.2: Municípios abrangidos pela região dos Campos Gerais do Paraná.